

ÓLEO E GÁS

RIO, CAPITAL NACIONAL DO PETRÓLEO

O Brasil é forte candidato a suprir a demanda global por petróleo nos próximos anos. Investimentos e oportunidades no setor mobilizaram a quinta conferência da Rio Conferences, dedicada ao tema óleo e gás. No dia 11, será a vez do Global Investment Summit.

Segundo dados da Agência Internacional de Energia, o Brasil está no topo do ranking dos países que serão capazes de gerar a oferta incremental de petróleo nos próximos anos para compensar o declínio da produção dos campos existentes. Os dados foram apresentados durante a Conferência de Óleo e Gás, a quinta da Rio Conferences, evento promovido pela Rio Negócios para atrair novos investimentos para o Rio.

Nos últimos 14 meses, foram feitas 46 descobertas no país, sendo 22 em campos terrestres e 24 offshore, das quais 14 no pré-sal. Até 2035, o Brasil terá uma expansão (ramp-up) de produção que elevará o país ao 6º lugar no ranking dos maiores produtores de petróleo e gás do mundo. A Petrobras tem reservas comprovadas de 16,6 bilhões de barris e 451,3 bilhões de m³ de gás. A empresa programou investimentos de US\$ 221 bilhões de 2014 a 2018, sendo 70% na área de exploração e produção (60% nos campos do pré-sal).

Foi consenso entre os participantes que o Rio de Janeiro é a capital do petróleo no país, respondendo por 83% do total e de 66% da produção de gás natural, o que permite oferecer inúmeras oportunidades para investidores, não apenas nas áreas de exploração e produção mas também na cadeia de valor em setores como subsea e indústria naval. Marcelo Haddad, presidente da Rio Negócios, disse, na abertura da conferência, que o setor de petróleo é grande demais, nervoso demais, com interesses demais. “Eu acho que este evento é uma chance provocadora para tentar entender onde estão as oportunidades e que tipo de relacionamento temos que buscar”, salientou.

Julio Bueno, secretário estadual de desen-



Fotos de Eduardo Uzal

Óleo e gás: há oportunidades de investimentos nas áreas de exploração e produção e também em setores como subsea e indústria naval



“O investimento estrangeiro sempre esteve presente no Brasil e sempre foi bem sucedido”

Julio Bueno
Secretário de Desenvolvimento Econômico, Energia, Indústria e Serviços do Estado do Rio de Janeiro

volvimento, energia, indústria e serviços, por sua vez, citou dados da Agência Internacional de Energia dizendo que o setor terá US\$ 55 bilhões de investimentos anuais e que a maior parte estará concentrada no Rio de Janeiro. Assinalou, no entanto, que há desafios regulatórios e outros, como o fato de o país ter 7,5 milhões km² de bacia sedimentar e apenas 1,5 milhão de km² de mapeamento sísmico. “Quem tem uma oportunidade dessas tem que aproveitar para desenvolver uma indústria própria, mas o conteúdo local deve ser estratégico, focado naquilo que temos competitividade”, exemplificou Bueno.

Já Cristina Pinho, gerente executiva de exploração e produção da Petrobras, destacou os avanços pela retomada da indústria naval e a consolidação de uma complexa indústria de subsea, ressaltando, entretanto, que também há desafios de produtividade. Para Carlos Assis, sócio para a área de óleo e gás da

EY Consulting, há oportunidade de se construir no Rio de Janeiro um cluster de subsea inspirado no modelo vencedor da Noruega.

Helder Queiroz, representante da Agência Nacional do Petróleo (ANP) ressaltou, por sua vez, que o Rio sempre teve vantagens comparativas, mas ganhou relevância ainda maior pelo esforço da Rio Negócios de fazer com que a cidade passasse a ter também vantagens competitivas. “O Rio de Janeiro tornou-se imbatível”, destacou. Ele lembrou que o Brasil está numa situação singular. “Projeções da Agência Internacional de Energia apontam que o Brasil, ao lado do Cazaquistão e do Iraque, serão os campeões da produção incremental de petróleo”, observou o representante da ANP, acrescentando que, após cinco anos, a Agência realizou três leilões, em 2013, e já está preparando os estudos das áreas da 13ª rodada.



“O desafio do subsea é atender a demanda do pré-sal”

José Mauro Ferreira
FMC Technologies do Brasil



“A fronteira tecnológica não se limita apenas a investimentos”

Carlos Montagna
Shell



“É preciso ter inteligência para intervir antes da ocorrência, com a urgência tecnológica de outras indústrias”

Daniel Moczydlower
Embraer Sistemas



“É preciso ter soluções que agreguem valores, como manutenção preditiva, e gestão de pessoas”

Paulo Moretti
Braskem



“Temos o desafio da mão de obra direta. Nos últimos anos a indústria naval perdeu a produtividade por essa questão”

Fernando Barbosa
Estaleiro Enseada



“A consolidação de um cluster subsea no Rio, permitirá atender bem e melhor os recursos atuais”

Roberto Paraiso Ramos
Odebrecht Oil&Gas e Amcham Rio



“Brasil deve buscar inspiração no modelo norueguês, que optou por um crescimento lento, mas sustentável”

Carlos Assis
EY



“A atração de fornecedores estrangeiros deve ser feita em articulação com fornecedores brasileiros”

Paulo Alonso
Petrobras

DESTAQUES

SUBSEA

O Brasil conseguiu consolidar uma indústria de subsea complexa e diversificada. Cristina Pinho, gerente executiva de exploração e produção da Petrobras, destacou que existem fábricas, bases e projetos, mas ainda falta ampliar oferta dos serviços para manutenção dos equipamentos. Carlos Montagna, diretor de coordenação upstream da Shell,

destacou que a indústria de subsea do Rio está estabelecida e agregando valor, mas precisa qualificar os fornecedores de segundo e terceiro níveis. Já José Mauro Ferreira, diretor comercial da FMC Technologies do Brasil, diz que o maior desafio não é tecnológico, mas de volume e da cadeia de suprimentos, para atender a demanda explosiva do pré-sal.

AUTOMAÇÃO

A automação industrial pode ser o caminho para responder ao desafio da competitividade. Segundo Paulo Moretti, diretor de automação industrial da Braskem, a automação é estratégica para a empresa agregar valor e se manter competitiva. Já Daniel Moczydlower, CEO da Embraer Sistemas, observou que a empresa vislumbrou a oportunidade

de oferecer para a indústria de petróleo a competência que detém na área de aviação, instalando sua operação de serviços no Rio de Janeiro. Pablo Fava, diretor de automação industrial da Siemens, mencionou que o Brasil vai viver a 4ª Revolução Industrial com a digitalização de todos os processos e a internet das coisas.

INDÚSTRIA NAVAL

Desde o início dos anos 2000, a indústria naval passou por, pelo menos, duas fases: a da retomada, em 2003, e a da expansão, nos anos subsequentes. Agora entra na etapa do ganho de produtividade para obter competitividade global. A análise é de Andre Mendes, diretor de supply chain do BNDES. “Na primeira fase, a Petrobras contratou 38 plataformas, 28 sondas, 88 navios e 146 embarcações

de apoio, em estaleiros que nem existiam ainda”, destacou Paulo Alonso, assessor da presidência da Petrobras. Para ele, os desafios hoje são: planejamento e gestão, capacitação da mão de obra e integração da cadeia de suprimentos. Fernando Barbosa, CEO do Estaleiro Enseada, disse que a empresa vem desenvolvendo ferramentas de gestão, mas ainda há o desafio da engenharia.